

## Os intelectuais na resistência ao fascismo – do movimento neo-realista à participação activa nas acções da Oposição Democrática

(Filipe Diniz)

Há alguns dias um jornal diário publicava uma angustiada peça em torno do tema “**Intelectual público, precisa-se**”. Ouviu vários intelectuais sobre a questão, mas pelos intelectuais que ouviu dá a ideia que a investigação foi realizada dentro de casa. Na sua grande maioria são gente de direita que monopoliza o espaço público e que escreve assiduamente nesse mesmo jornal.

Se menciono aqui essa peça, é porque ela gira em torno de uma certa concepção de intelectual, a do indivíduo integrando um reduzido grupo que – como diz um dos consultados, com certa presunção – “*abana os conformismos e vai contra o bom senso, aquilo em que se acredita, os clichés, a mesmice*”. Um reduzido grupo que forma e intermedia opiniões e valores, que – como mostra a intervenção pública de muitos deles – intervém activamente na batalha das ideias mesmo que pretenda pairar acima da sociedade.

Porque é conveniente nos dias de hoje “*precisa*” de tais “*intelectuais públicos*”? Porque para alguns continua a ser necessário fazer persistir entre o conjunto das profissões intelectuais, hoje em grande parte grupos sociais de massa cujos membros se contam por milhares, a nostalgia da representação mítica de uma elite cultural e socialmente privilegiada, alheia ao confronto social, económico e político.

Ao recusar-se tal nostalgia não se trata de ignorar a autonomia relativa do trabalho intelectual, qualquer que ele seja, nem a persistência efectiva de uma tal função de criação e intermediação entre a intelectualidade. Do que se trata é de não diluir sob essa representação a realidade dos intelectuais tal como existem, no seu conjunto, na sociedade.

É por isso que é actual e útil recordar aqui alguns aspectos da presença e da participação dos intelectuais na resistência ao fascismo.

Falamos de uma longa trajectória em que a condição e a situação dos intelectuais se alterou profundamente em muitos aspectos. Em que se alterou profundamente o seu peso no conjunto da população activa e em que se alargaram de forma muito ampla as suas responsabilidades perante a sociedade. Em que podemos identificar um processo em que a posição e intervenção democrática e antifascista individual se vai associando a intervenção colectiva e até a intervenção de classe profissional. Em que, de entre as mais destacadas figuras da cultura artística e científica e do conjunto das profissões intelectuais, apenas uma escassíssima minoria surge como afecta ou próxima do regime.

Nos longos anos de resistência antifascista, a luta pela liberdade de criação e investigação artística e científica, pela liberdade de expressão e de divulgação do respectivo trabalho

## Os intelectuais na resistência ao fascismo – do movimento neo-realista à participação activa nas acções da Oposição Democrática

(Filipe Diniz)

criador, pela liberdade de exercer actividade de acordo com as suas competências e convicções assumiu um aspecto central. Se em 1923, ainda no período da I República, provocara escândalo e protesto a proibição de uma peça de teatro (cujo autor, por ironia do destino, era António Ferro), a instituição da censura prévia após o golpe de 28 de Maio de 1926 constituiu um infame garrote que pesou sobre toda a actividade cultural até ao 25 de Abril. Luís Francisco Rebelo considerava, justamente, que a *censura prévia* era apenas uma das três ordens de censura vigentes: para além dessa *censura ideológica* (a que o aparelho fascista realizava directamente), a *censura económica* (condicionando através do custo e da restrição da oferta) e a *censura geográfica* (discriminando o território fora dos principais centros urbanos), três formas de privar os criadores da difusão da sua obra e o povo de a ela ter acesso. E a resistência a essas três censuras realizaram-na os intelectuais progressistas nas três frentes: divulgando sob múltiplas formas o que o fascismo pretendia silenciar, desde as colectividades e os centros que o republicanismo gerara à pequena edição policopiada, até ao movimento cineclubista e à actividade cultural estudantil em décadas posteriores; levando a iniciativa cultural junto do povo e a lugares remotos; promovendo a difusão da cultura artística e científica, processo de que são exemplo maior a teorização e a acção de Bento de Jesus Caraça, da Universidade Popular, da Biblioteca Cosmos.

Luta pela liberdade que implicava o risco da discriminação política e da repressão, incluindo o impedimento do exercício da profissão. Era a exclusão do exercício da docência ou de funções na administração pública central e local, o silêncio, a prisão, o exílio. E porque existem tão numerosos exemplos de intelectuais que arrostaram com tais perigos e ameaças? Pela consciência de que a liberdade porque se batiam era condição da sua própria dignidade e realização pessoal e consequência da responsabilidade social das suas capacidades criadoras.

Os melhores momentos da resistência e luta dos intelectuais convergem no impulso da luta de classes. São precisamente esses momentos, em que é mais marcado o compromisso real contra o “pairar acima”, os que deixam marca histórica mais funda. E são aqui indispensáveis algumas palavras sobre a tendência neo-realista. Não existe na nossa história cultural um movimento envolvendo tão diferentes áreas e tão prioritariamente empenhado em ir ao encontro do povo. Inclui algumas das mais notáveis obras da cultura portuguesa do século XX. Mas não deve existir na nossa história cultural tendência que tenha sido abordada por alguma gente com tanto preconceito e incapacidade de análise séria. E tal deve-se certamente não ao valor das obras a que deu origem, mas ao facto de, conforme a expressão de Óscar Lopes, se

## Os intelectuais na resistência ao fascismo – do movimento neo-realista à participação activa nas acções da Oposição Democrática

(Filipe Diniz)

tratar de uma tendência que “**condiz com a concepção marxista do movimento histórico geral**”. Tendência na qual se integram obras de poesia, ficção literária, teatro. De investigação e ensaio histórico, sociológico e geografia humana. De pintura, escultura e arquitectura. De investigação antropológica e etnográfica. De crítica e de teorização estética geral. Num tal acervo existem certamente obras de valor muito diverso, polémicas em que foram expressas opiniões certamente discutíveis, mas decerto que não é apenas na tendência neo-realista que tal sucede.

É o realismo moderno que, nas palavras de Aragon, constitui “a **expressão consciente** das realidades sociais e parte integrante do combate que modificará essas realidades”. É esse o grande crédito da tendência neo-realista: o de assumir um tal combate nas mais difíceis condições sociais, políticas e culturais: as da repressão e do obscurantismo fascista. E de ter sido exemplo de resistência cultural que teve continuidade, sob outras formas e opções estéticas, em todo o período posterior. Desagrada a alguns críticos a sua filiação marxista. Aparentemente, desconhecem que outras tendências estéticas se lhe consideraram igualmente devedoras. Já na década de 60, um poeta surrealista, interrogado acerca dos filósofos cujo pensamento influenciava a sua obra, respondeu “**Marque-se** Engels e outros da mesma linha”. O poeta era, evidentemente, Alexandre O’Neill. O que caracteriza o amplo movimento de resistência cultural antifascista é, não a exclusão, mas a integração de diferentes correntes, integração que, evidentemente, não silencia nem a crítica nem a polémica. Vejam-se as históricas Exposições Gerais de Artes Plásticas, a Exposição dos Independentes, a Exposição dos Artistas Portugueses Contemporâneos na Universidade Popular, com a participação de realistas, abstraccionistas, surrealistas, neo-realistas, unidos na afirmação de independência em relação às medíocres e reaccionárias escolhas do Secretariado Nacional da Propaganda fascista. Veja-se o larguíssimo leque de curtas e longas-metragens com que, nas décadas de 50 e 60, o movimento cineclubista tentava romper as malhas da censura.

Mas é sobretudo na área da música que a resistência cultural popular e antifascista encontra as mais notáveis expressões, algumas delas tão poderosas que ainda nos dias de hoje preservam toda a sua energia. Expressões que vão do fado anarquista e operário às canções e baladas dos anos 60 e que, se têm certamente a maior destaque na obra e na acção de Fernando Lopes-Graça e nesse extraordinário organizador colectivo que são as “Canções Heróicas”, integram um riquíssimo acervo não apenas musical mas também musicológico e etnológico, erudito e popular que, também nesse terreno, isolou e ridicularizou o esforço fascista de impor, através da FNAT, a expressão cultural do corporativismo. A música e o teatro,

## Os intelectuais na resistência ao fascismo – do movimento neo-realista à participação activa nas acções da Oposição Democrática

(Filipe Diniz)

expressões políticas por excelência - além do mais pela sua realização tendencialmente colectiva - tornaram-se parte integrante da resistência, em particular da resistência estudantil, com grande relevo para as grandes lutas da década de 60.

No decurso das quase cinco décadas de regime fascista verificou-se uma importante progressão no efectivo numérico das profissões intelectuais. Entre as décadas de 40 e de 60 o número de quadros superiores e profissionais liberais quase multiplica por sete. É certo que partia de uma base muito baixa, mas representa uma significativa alteração objectiva na anterior condição de elite. Mas essa condição, em si, teve também um valor político. A profissão liberal permitia uma margem de defesa contra a perseguição fascista aos opositores que, no quadro da administração pública, tinham o afastamento garantido como punição, se esta não fosse ainda pior. E a condição de profissional liberal não impediu que, em alguns casos, advogados de defesa de presos políticos passassem da bancada da defesa para o banco dos réus, por determinação dos juizes fascistas. Em 1962 há uma troca de cartas entre Salazar e o ministro das Obras Públicas, Arantes e Oliveira. Salazar, assumindo-se como um vulgar bufo, envia listas de arquitectos e engenheiros oposicionistas para saber se são funcionários no ministério. Arantes e Oliveira devolve as informações que a Ordem dos Engenheiros lhe prestara oficiosamente, e as informações incompletas sobre os arquitectos, cujo sindicato não quisera consultar oficialmente. A maior parte dos arquitectos e cerca de metade dos engenheiros não são funcionários públicos, e não serão objecto de sanção por essa via. Como sucederia com tantos outros a quem foi impedida a actividade, nomeadamente a docência, em tantos casos forçando ao exílio muitas das mais eminentes figuras da ciência e da cultura portuguesa.

Em carta a Salazar de Julho de 1946 Marcelo Caetano teoriza sobre os diferentes tipos de subscritores das listas da oposição e o que fazer com eles. E sai-lhe o notável reconhecimento de que, vasculhando listas de concorrentes a concurso no seu ministério de então (o ministério das colónias) em alguns casos, como o dos cirurgiões e médicos especialistas, **todos os concorrentes eram subscritores de listas da oposição.**

Não é arriscado afirmar-se que o crescimento numérico das profissões intelectuais alarga o terreno das ideias democráticas e progressistas entre elas, incluindo nas respectivas organizações corporativas. Dois exemplos emblemáticos desse facto: um, o Congresso Nacional de Arquitectura de Maio/Junho de 1948. Promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos com o patrocínio do Governo, na sessão de abertura estiveram presentes Salazar,

## **Os intelectuais na resistência ao fascismo – do movimento neo-realista à participação activa nas acções da Oposição Democrática**

(Filipe Diniz)

Carmona e outros figurões do regime. Tal não impediu que o Congresso aprovasse teses que, em todos os aspectos, contrariavam a doutrina oficial, nomeadamente no que diz respeito à imposição estética de uma arquitectura dita de “feição nacional” ou de “feição portuguesa”. Eleito no ano seguinte para a presidência do sindicato, Keil do Amaral é impedido de assumir o cargo.

Outro exemplo é o da mesma Ordem dos Engenheiros cuja direcção se prestara em 1962 a informar officiosamente o governo fascista sobre membros seus. Em 1970 e 1971 realizam-se quatro Assembleias Regionais Extraordinárias e uma Assembleia Geral Extraordinária das quais saem moções e outras iniciativas, todas elas aprovadas por aclamação, e uma petição com mais de mil subscritores reclamando a libertação do eng. Blanqui Teixeira, membro do Comité Central do PCP preso há mais de oito anos. Blanqui Teixeira é colocado em liberdade condicional em Setembro de 1971.

Não será historicamente exacto tomar-se todos os exemplos da acção de intelectuais na oposição antifascista como o traço que caracteriza a participação do conjunto da intelectualidade nesse período. Nem tal seria possível, numa camada intermédia, socialmente heterogénea e internamente contraditória como era e é a dos intelectuais. Mas constitui rico e honroso património dos intelectuais portugueses a valiosa participação de muitos deles no heróico processo da resistência antifascista. Participação, em muitos casos central, nos movimentos de unidade democrática. Participação determinante no movimento pela paz. Participação activa na luta clandestina, onde alguns deixaram a vida, e outros se contam entre os que maior número de anos de prisão sofreram.

Ontem, como hoje, a acção democrática dos intelectuais implica a sua intervenção ao lado dos outros trabalhadores, cuja emancipação é também condição para a libertação de toda a energia criadora e de todo o potencial transformador da ciência e da arte, da cultura e do conhecimento. Os magníficos exemplos da participação dos intelectuais na resistência antifascista prolongam-se nos dias de hoje. Não é no quadro do “*estado das coisas actual*” mas na luta contra ele que reside a perspectiva de liberdade e progresso pela qual vale a pena resistir e lutar. Pareciam nunca ir findar os longos anos do fascismo, mas findaram. Assim sucederá com os já quase igualmente tão longos anos da política de direita.